



**Discurso do Senhor Presidente da Câmara Municipal
de Lisboa na cerimónia de entrega da Medalha
Municipal de Mérito Cultural a Dennis Redmont**

15 de novembro

Senhoras e Senhores Vereadores,

Senhor Embaixador da República da Turquia (Haldun Koç)

Caro Dennis Redmont, nosso homenageado,

Em si deixo um cumprimento a toda a família aqui presente,

À sua mulher extraordinária Zeinep Tinaz,

À Isabel, sua nora, e aos seus netos Miguel e Beatriz.

A todos os amigos e amigas que estão presentes e que não podiam faltar a este momento,

A todos os nossos convidados,

Senhoras e Senhores,

Hoje é um grande dia.

Um dia de homenagem. Um dia de reconhecimento.

E de homenagem e reconhecimento a alguém especial.

A alguém cujo percurso é sinónimo do Portugal que hoje conhecemos.

Das mudanças que levaram ao 25 de abril.

Que nos conduziram à liberdade e à democracia.

A Dennis Redmont, que viu o que era Portugal antes da democracia. E que o viu com olhos diferentes.

Observou atentamente e escreveu sobre esse Portugal.

Escreveu sobre esse país de uma forma que ninguém aqui podia fazer. Que nenhum português podia fazer.

Quando ouço o nome de Dennis Redmont lembro-me logo do meu pai, que também era jornalista e que viveu a censura.

Que não podia escrever sobre o que queria e o que via.

E tinha de esperar que alguém como o Dennis Redmont escrevesse a verdade por ele.

Isto foi o que Dennis Redmont significou para toda uma geração: **alguém que escrevia a verdade quando o país ainda não o podia fazer.**

Por isso é que temos uma enorme dívida para consigo.

E hoje homenageamo-lo também por isso.

Por ser, desde logo, esse grande jornalista.

Um jornalista que, chegado a Lisboa com 23 anos, encontrou aqui um país fechado.

Um país que o mundo em grande medida desconhecia.

Desconhecia o que aqui se passava. Não sabia o que o regime fazia a tantos e tantos portugueses.

Dennis Redmont foi um dos grandes responsáveis por ter aberto este país ao mundo.

Por ter mostrado ao mundo o que aqui se passava.

Fê-lo quando Mário Soares o chamou para mostrar ao mundo o assassinato do General Humberto Delgado pela PIDE.

Fê-lo denunciando o número de jovens soldados mortos na Guerra do Ultramar.

Fê-lo falando sobre a verdade das cheias em Vila Franca de Xira, que foram mais um encobrimento do regime.

Fê-lo mostrando ao mundo a tortura de estudantes levada a cabo pela PIDE.

Foi Dennis Redmont quem mostrou o que sofriam tantos estudantes às mãos da polícia política.

O que aconteceu a Rui D'Espiney.

A tentativa de suicídio da sua colega que engoliu vidros das lentes dos seus óculos...

Tudo isto foi Dennis Redmont que mostrou ao mundo.

Porque, tal como disse, *a única forma dos portugueses descobrirem o que se estava a passar no seu próprio país era a ler a imprensa estrangeira.*

E foi através da imprensa estrangeira que os portugueses descobriram aquilo que o regime escondia.

Foi através de Dennis Redmont.

Que ao mostrar Portugal ao mundo também dava mundo a Portugal.

Vamos estar sempre gratos a si por tudo isto.

Senhoras e Senhores,

Em segundo, Dennis Redmont foi mais do que só um jornalista: foi um aventureiro.

Juntou ao jornalista o carácter do aventureiro.

E, nos grandes momentos da história, para se ser jornalista é preciso ter um pouco de aventureiro.

Foi com esse espírito que Ernest Hemingway foi correspondente na Guerra Civil Espanhola.

É também com esse espírito que vemos tantos exemplos do que o jornalismo pode fazer.

De como o jornalismo fez sempre frente às ditaduras.

Seja hoje na Rússia, seja no Portugal de há 50 anos.

Dennis Redmont foi esse aventureiro que abraçou o desafio de fazer frente a uma ditadura.

Veio para Lisboa quando lhe tinham dado só 3 semanas para aprender português.

Em Lisboa viu 8 pides esperarem por si no seu trabalho.

Foi interrogado por eles.

E descobriu depois que estava a ser vigiado por eles.

É extraordinária a história que encontrou na Torre do Tombo,
nos arquivos da PIDE.

A forma como intercetaram cartas que nunca recebeu.

Como escutaram os seus telefonemas.

E mesmo assim nunca deixou de fazer o seu trabalho.

Mesmo sabendo que provavelmente o estavam a vigiar.

Com isto mostrou exatamente que ser jornalista é também
estar preparado para correr riscos.

Que é preciso não ter medo.

E o Dennis Redmont nunca teve medo.

Também por isto temos de lhe agradecer.

Por nunca ter tido medo num país onde se vivia com medo.

Senhoras e Senhores,

Por último, homenageamos Dennis Redmont por algo mais.

Por ser um grande lisboeta.

Que fez o seu trabalho como correspondente estrangeiro
noutras geografias e noutras latitudes.

Noutros regimes e noutras ditaduras.

Mas apesar de ter estado anos fora de Lisboa, Lisboa nunca o abandonou.

Veio para Lisboa e aqui deixou a sua marca.

Tal como a nossa cidade deixaria uma marca em si.

De tal modo que acabou por voltar para a nossa cidade.

Por voltar a viver em Lisboa.

Dennis Redmont tornou-se um lisboeta. Tornou-se um de nós.

E um dos nossos melhores:

Um lisboeta premiado, que em Itália foi considerado o melhor correspondente estrangeiro.

Um lisboeta que percorreu o mundo, que fez reportagens em mais de 80 países e viajou com 3 Papas.

Um lisboeta que, décadas depois da primeira vez que aqui esteve, continua a dar o seu contributo para a cidade e o país.

Essa é a outra razão para o homenagearmos hoje: porque se tornou parte desta nossa cidade.

Da cidade que o acolheu.

Da cidade que também fez sua.

Caro Dennis Redmont,

Em nome de todos os lisboetas, tenho a honra de lhe entregar a Medalha Municipal de Mérito Cultural.

Para que a cidade preste homenagem à sua vida.

Para que o seu nome fique para sempre ligado a Lisboa.

Muito obrigado por tudo.